



# TEXTO DE ABERTURA



# CRÍTICA FORA DO ESQUADRO:

## HOMENAGEM A ANTONIO CANDIDO<sup>1</sup>

- EDU TERUKI OTSUKA

### 1.

**G**ostaria de comentar aqui um aspecto da obra de Antonio Candido que pode parecer lateral ou secundário em relação aos eixos principais de seu trabalho, abordando alguns textos que talvez sejam menos lidos e discutidos, mas que também se mostram significativos em seu trabalho crítico.

Em geral se reconhece que a contribuição mais significativa do trabalho de Antonio Candido para a crítica literária gira em torno de dois eixos principais. O primeiro é o que foi desenvolvido na *Formação da literatura brasileira*<sup>2</sup> (CANDIDO, 1993a) e no ensaio “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (CANDIDO, 1980) – e que está presente também em inúmeros outros estudos posteriores, como “Literatura de dois gumes” (CANDIDO, 1987). Ao fazer uma reconstituição histórica da formação do sistema literário brasileiro, Antonio Candido teve de se haver com um conjunto de questões que atravessaram a vida intelectual brasileira desde o final do século XVIII (no quadro da crise do sistema colonial) e principalmente depois da Independência do país. Como se sabe, o problema central foi descrito por ele como uma “dialética do localismo e do cosmopolitismo”, expressão que designa a tensão e a alternância incessante entre um polo particularista e um polo “universalista”; isto é, um movimento pendular que definia não só a situação dos literatos do tempo, mas apreendia o dinamismo próprio da vida cultural brasileira, que se desenvolveu no âmbito restrito da elite letrada e intelectualizada. Tratava-se do problema básico da literatura no período formativo, que passou por uma lenta adaptação e transformação dos padrões culturais europeus, impostos a partir do processo colonizador, mas que possibilitou a incorporação progressiva, na imaginação literária, das particularidades locais e das contradições e aspectos problemáticos da realidade social. Desse modo, além de ter funcionado como instrumento de imposição violenta da cultura e dos valores do colonizador e, em

[1] Mantive, para esta publicação, o tom de conversa do texto, escrito para ser lido no IX Seminário de Pesquisa dos Alunos de Pós-graduação em TLLC, realizado em maio de 2018. À Comissão Organizadora do Seminário agradeço o convite, que me estimulou a abordar o tema.

[2] Sobre essa obra, ver “Os sete fôlegos de um livro” (SCHWARZ, 1999, p. 46-58).

seguida, da classe dominante local, a literatura pôde também expressar pontos de vista alternativos ou mesmo de contestação daqueles valores impostos.

O próprio Antonio Candido disse certa vez que a *Formação da literatura brasileira* pode ser vista como um capítulo da formação do *pensamento* brasileiro no terreno da literatura (CANDIDO, 2002a); isso porque, ao incorporar a realidade local à imaginação literária, os escritores elevavam para o plano do pensamento os diversos aspectos dessa realidade, incluindo sua dimensão problemática que, para abreviar, podemos resumir como a persistência das segregações coloniais num país que desejava integrar-se à civilização ocidental moderna e, ao mesmo tempo, manter uma identidade própria. Assim, no mesmo processo em que ia se constituindo uma articulação de autores, obras e públicos, que estabelecia a continuidade da tradição literária, foi se definindo também um *campo de problemas* específico à experiência histórica brasileira. Em outros termos, constituiu-se um conjunto de problemas artísticos e sociais que foram se acumulando na consciência literária e política dos intelectuais brasileiros – os quais, ao longo da história, lidaram com esses problemas das mais diversas maneiras; decerto predominou o acobertamento das feridas coloniais e a acomodação, mas, por vezes, também se alcançou formular perspectivas críticas e contestatórias em irrupções de radicalismo.

Do período formativo até pelo menos a metade do século XX, a vida literária e intelectual brasileira girou em torno desse eixo que Antonio Candido identificou, descreveu e analisou ao estudar o processo de formação do sistema literário. Esse processo, como se sabe, foi conduzido pela classe dominante local e se articulava a um projeto de construção da sociedade nacional, pautada por uma norma de modernidade definida pelo desenvolvimento do capitalismo no núcleo da economia mundial. Esse vínculo entre o desejo de uma literatura própria e o desejo de uma nação moderna explica o caráter empenhado dos escritores brasileiros, comprometidos com a criação de uma literatura válida e com a modernização do país.

Vale destacar, nessa linha dos estudos de Antonio Candido, que a investigação da história da literatura feita por ele teve um alcance que ultrapassa o âmbito estritamente literário. Ao examinar como se deu a formação da literatura brasileira, o crítico também forneceu parâmetros para se pensar a dinâmica cultural mais ampla e também, indiretamente, o processo histórico-social que corresponde a essa lenta maturação do sistema literário.<sup>3</sup>

O outro eixo fundamental do trabalho de Antonio Candido, que é complementar à visada histórica ampla desenvolvida na *Formação*, é o da leitura pormenorizada e rigorosa de obras específicas, uma leitura interessada na análise estética e que busca a definição do *valor literário* das obras. É o que ocorre de modo exemplar no conhecido estudo sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida, “Dialética da malandragem”, e também em uma série de

[3] Esse tema foi desenvolvido por Paulo Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. (1992).

outros estudos, como os ensaios sobre Aluísio Azevedo, Zola e Verga (CANDIDO, 1993b), assim como nas análises de poemas que foram reunidas no livro *Na sala de aula* (CANDIDO, 1989).

Não me estenderei na descrição dessa linha dos estudos do crítico, mas apenas lembro que, também aqui, o alcance das descobertas analítico-interpretativas de Antonio Candido muitas vezes ultrapassa o âmbito específico dos estudos literários convencionais e levanta questões novas, como é justamente o caso de “Dialética da malandragem”, que revela aspectos até então pouco conhecidos da sociedade brasileira oitocentista (cf. SCHWARZ, 1989, p. 129-155). O crucial é que isso ocorre como resultado de uma análise fundamentalmente estética, uma análise que dá prioridade para o estudo da configuração literária das obras. Muito do esforço de Antonio Candido, sobretudo a partir dos anos 1960, foi no sentido de desenvolver um modo de analisar as obras que investigasse a sua dimensão propriamente artística, em contraposição aos estudos que se limitam a enquadrar as obras em esquemas externos predefinidos sobre a realidade social ou psicológica, ou que somente traçam paralelos entre a obra e a sociedade ou entre a obra e a psicologia do autor. Buscando superar essas abordagens tradicionais, Antonio Candido desenvolveu um método de leitura que investiga a maneira pela qual o dado externo (social ou psicológico) passa a funcionar como elemento de composição artística e se torna parte da estrutura interna da obra. Ao investigar a formalização artística, diz ele, a crítica deixa de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística e se torna apenas crítica, ou seja, se realiza como crítica literária propriamente dita, que dispensa qualificativos (CANDIDO, 1980, p. 3-15). No entanto, é justamente ao fazer “apenas” crítica literária que Antonio Candido, nos seus melhores ensaios, desvenda questões que dizem respeito à cultura e à sociedade como um todo, demonstrando que a obra literária é também uma *forma de conhecimento* – e esse conhecimento que a obra carrega na sua configuração é um conhecimento particular sobre o mundo real, cifrado no mundo imaginário criado pela lógica própria do texto. Daí a possibilidade de avaliar a obra, tanto em sua consistência interna quanto na maneira como a forma literária revela algo sobre a realidade da qual a obra se desprende ao se constituir como estrutura verbal.

## 2.

Junto a essas linhas que, para muitos (e também para mim), indicam a originalidade própria do trabalho crítico de Antonio Candido, há também vários momentos em que ele se volta para obras que de algum modo fogem às tendências e às convenções dominantes de seu tempo e, por esse motivo, aparecem como algo excêntrico ou fora do esquadro.

A propósito, cabe notar que isso se dá não somente com as obras estudadas, mas também com a própria atividade do crítico. Nesse sentido, há um texto intitulado “Crítica e memória” (CANDIDO, 2010, p. 33-42), no qual Antonio Candido considera que deveríamos dar mais atenção ao que ele chama de “arrabaldes do trabalho crítico”, ou seja, aquilo que se situa nas margens do que normalmente é considerado o cerne da crítica literária, centrada na análise objetiva do texto e na investigação histórica: “um capítulo vivo da periferia da crítica seria o que registrasse com o devido senso de oportunidade a história da nossa experiência afetiva com as obras”. Isso porque, segundo ele, alguns livros podem se incorporar mais do que outros à nossa experiência, “muitas vezes de maneira desproporcional em relação à sua qualidade”. Assim, Antonio Candido sugere que “obras reconhecidamente maiores nem sempre são as que marcam mais fundo. Pensando com sinceridade, é possível concluirmos, por exemplo, que sob este aspecto *Os três mosqueteiros* podem ter sido mais importantes que *Os Lusíadas*... E que, portanto, pode não haver correlação entre o valor intrínseco da obra e o efeito que ela exerce sobre nós.” (idem, p. 33).

Nesse texto, em que Antonio Candido comenta como ele se interessou por François Villon, interessa-me salientar dois pontos: primeiro, que pode não haver relação direta entre o *valor literário* e a *experiência afetiva* com as obras – e portanto o crítico não deve confundir as duas instâncias; segundo, que Antonio Candido realiza aqui um tipo de comentário que, articulando crítica objetiva e memória afetiva, resulta em um ensaio que foge dos padrões da crítica fundada na análise e na pesquisa histórica, mas que não deixa de ser, segundo ele, uma variante legítima.

Além disso, o próprio objeto do comentário é uma obra que escapa aos padrões estabelecidos. Diz Antonio Candido no final do ensaio: “Talvez nunca tenha havido obra poética como a de François Villon, – fluxo de piadas, irreverências, gritos de desespero, seriedade, nostalgia, devoção, ânsia de depuração, gosto de conspiração, comicidade, tragédia”. Disso resulta “um mundo que (...) faz empalidecer o esforço contemporâneo de valorizar demais a palavra enquanto palavra, neste tempo de mensagens frequentemente sufocadas pelo código.” (idem, p. 43).

No que se refere à discussão de obras que escapam às correntes predominantes, cabe lembrar os textos que Antonio Candido agrupou na terceira parte de seu livro *O discurso e a cidade*, intitulada “Fora do esquadro”. No Prefácio ao livro, Antonio Candido explica: são estudos desligados um do outro, que têm em comum apenas o fato de tratarem de obras que se afastam, em alguma medida, das “diretrizes predominantes no seu tempo.” O interesse por esse tipo de produção literária se deve à seguinte compreensão que Antonio Candido tem da história literária: “a literatura sempre viveu de correntes e contracorrentes, normas e transgressões, regras e exceções, embora a história canônica

preserve e registre sobretudo os primeiros termos desses pares. (...) Os ensaios da terceira parte focalizam exemplos de contracorrente no passado, remoto e recente.” (CANDIDO, 1993b, p. 14). Assim, Antonio Candido procura destacar, nos ensaios de “Fora do esquadro”, algumas obras que, em certa medida, se poderiam dizer contra-canônicas.

O primeiro ensaio desse conjunto é sobre uma carta (literária) escrita por Sousa Caldas, no final do século XVIII. O texto é intitulado “Carta Dirigida ao Meu Amigo João de Deus Pires Ferreira, em que lhe descrevo a minha viagem por mar até Gênova” e Antonio Candido a chama simplesmente de “Carta marítima”. É um texto que alterna prosa e verso, apresenta caráter burlesco e satírico e é marcado pela comicidade e irreverência – e que destoa do restante da obra de Sousa Caldas, em que predomina a seriedade e o tom elevado. A carta apresenta um sentimento político avançado para o meio português do tempo – Sousa Caldas era leitor de Rousseau e de Voltaire e chegou a ser preso, acusado de “herege, naturalista, deísta e blasfemo”. Além disso, a “Carta marítima” rejeita os padrões estéticos clássicos, dominantes na época, e satiriza as referências mitológicas da Antiguidade, manifestando a *aspiração por algo diferente*, que no entanto não chega a formular (e que só viria a se realizar mais tarde com o Romantismo).

O segundo ensaio fora do esquadro é sobre a poesia do absurdo, a poesia *nonsense*, também chamada de bestialógico ou ainda de “poesia pantagruélica” (expressão que dá título ao ensaio). Trata-se de um tipo de composição poética que havia sido praticado por alguns estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo no período romântico; é uma poesia que parodia o discurso lógico convencional e institui um antidiscurso que cria significados próprios. Um exemplo literariamente significativo é o soneto de Bernardo Guimarães que se inicia com o verso “Eu vi dos polos o gigante alado” (e que é analisado no ensaio). Também aqui, ou principalmente aqui, as obras examinadas por Antonio Candido estão na contracorrente da tendência dominante, à época marcada pela tonalidade séria ou no máximo graciosa e geralmente em conformidade com as regras do decoro.

O terceiro ensaio dessa seção é sobre um poeta menor do final do século XIX, Fontoura Xavier. Apesar da obra em geral medíocre, ele escreveu um soneto de grande força expressiva, que é estudado por Antonio Candido. Diz ele: “Da massa de maus poemas que [Fontoura Xavier] compôs, entre ruim e pior do que ruim, sobrenadam alguns sonetos e algumas traduções”, especialmente de Baudelaire. O soneto que o crítico analisa se chama “Pomo do mal”; é escrito em alexandrinos e tem clara inspiração baudelaireana. A singularidade desse soneto é que, segundo Antonio Candido, “se não for o único, ‘Pomo do mal’ é dos raros poemas líricos da literatura brasileira que assume uma posição declaradamente sádica”<sup>4</sup> (CANDIDO, 1993b, p. 254). O que torna esse poema excêntrico e o coloca na contracorrente é o fato de que o poeta “assume conscientemente

[4] O poema de Fontoura Xavier já havia sido mencionado por Antonio Candido em “Os primeiros baudelaireanos” (CANDIDO, 1987, p. 23-38).

a representação da crueldade sexual transgressiva” (idem, p. 256). É evidente que não interessa a Antonio Candido valorizar o sadismo em si mesmo, mas sim o significado da figuração literária do sadismo, que vinha do satanismo romântico, e do qual era uma manifestação extrema. Antonio Candido associa o satanismo romântico “[à] negatividade revoltosa dos padrões sociais, [à] vontade de afirmar o contrário do que é preconizado, [a]o gosto pela vida irregular, fora das normas, chegando ao culto da crueldade.” (CANDIDO, 2010, p. 66). Portanto, trata-se, mais uma vez, da negação das diretrizes predominantes.

O ensaio que fecha o conjunto é “O poeta itinerante”, sobre “Louvação da tarde”, de Mário de Andrade. É também um poema fora do esquadro porque nele de certo modo Mário foge aos procedimentos mais típicos da fase inicial do Modernismo brasileiro (num poema escrito em 1925). Mário quis escrever um poema de leitura difícil, à maneira dos poemas meditativos ingleses, e compõe em decassílabos brancos (sendo esta a única vez que Mário usou esse tipo de verso em sua obra inteira), discrepando “dos postulados modernistas e da conquista do verso livre” (CANDIDO, 1993b, p. 258). Mário retoma o poema meditativo dos românticos ingleses e também se apoia na tradição em que a reflexão poética se associa ao corpo em movimento, no passeio ou na caminhada – por isso, Antonio Candido fala numa “poesia itinerante”. No poema, o sujeito poético anda de automóvel e, em seu passeio, se entrega à contemplação meditativa. Também nisso se dá uma reinvenção: ao contrário da glorificação futurista da velocidade da máquina, no poema de Mário o automóvel “é doce, meigo, lento, assimilado a um animal integrado no ritmo da natureza” (idem, p. 266). Sem entrar nos detalhes da análise, destaco apenas uma observação de Antonio Candido: deixando-se levar no ritmo lento do automóvel ajustado à tranquilidade vespertina, o sujeito poético se abandona ao devaneio e, assim, se liberta por um instante das contingências da realidade. Invertendo o clichê futurista, em “Louvação da tarde” o automóvel não é instrumento da velocidade que domestica e dita o ritmo do mundo moderno, mas é associado à “quietude vespéral do devaneio”, que promove um desligamento provisório em relação à realidade movida pelo ritmo do progresso.

### 3.

O conjunto dos ensaios reunidos em “Fora do esquadro” indica como Antonio Candido parece valorizar a irrupção, na literatura, de algo imprevisto que contraria as tendências gerais em diferentes âmbitos: nas formas e convenções literárias, nas concepções políticas, na lógica do discurso, nos padrões morais e até na compreensão do ritmo temporal do mundo.

Depois de ter historiado as correntes principais da literatura brasileira desde o período formativo, Antonio Candido se dedicou a estudar obras que fogem a essas correntes e se desprendem das linhas dominantes de

desenvolvimento, marcadas pelo compromisso de construção nacional. São também momentos em que, de certo modo, se manifesta aquela dimensão de gratuidade que, ultrapassando o real pela imaginação e a fantasia, o crítico considera fundamental para a literatura.

Na *Formação*, Antonio Candido observa que a literatura brasileira oitocentista, embora tenha iniciado a descoberta e a interpretação da realidade do país, que em seguida conduziria à tomada de consciência dos problemas sociais, também foi, em grande parte, limitada em seu alcance por esse mesmo senso de missão construtiva que a direcionava para a apreensão do real. Como o caso do romance romântico evidencia, essa literatura empenhada frequentemente se viu tolhida em seu voo, prejudicada no exercício da fantasia e colada à descrição da realidade imediata; e disso não resultou um realismo no sentido forte, mas apenas uma fidelidade documentária ou sentimental, presa à experiência bruta (“uma bateria do fogo rasante, cortando baixo as flores mais espigadas da imaginação”) (CANDIDO, 1993a, p. 27). Note-se que Antonio Candido não deixou de assinalar, na *Formação*, as manifestações fora do esquadro, mencionando a “Carta marítima” de Sousa Caldas, bem como a poesia pantagruélica dos românticos (a que se poderiam acrescentar outras obras, como as do Sapateiro Silva ou mesmo de Sousândrade), mas naquele livro o foco central recai nas linhas de continuidade principais que foram definindo a tradição, de modo geral impregnada pelo empenho construtivo, e nesses estudos posteriores tais obras receberam comentário mais desenvolvido.

Qual seria o significado do interesse de Antonio Candido pela contracorrente, pela transgressão, pelo excêntrico, pelo que contraria ou escapa à tendência dominante, à norma estabelecida, à regra vigente? Considerando que as perspectivas de integração nacional vinculadas ao desejo formativo não se realizaram, e que o processo modernizador conduzia antes ao agravamento das iniquidades econômicas e sociais, talvez a valorização dos momentos em que a fantasia se desprende do real sinalize um *sentido político* implicado nas atitudes literárias de negação. Sem dúvida, há variações históricas importantes entre as diversas obras estudadas na terceira parte de *O discurso e a cidade*, mas, como a leitura do poema de Mário de Andrade sugere, o que está em jogo para o presente talvez seja o problema da ruptura com o ritmo dominante do mundo, que não é outro senão o ritmo do progresso capitalista.

Essas observações fazem pensar na situação da literatura contemporânea, num contexto histórico modificado, mas que também parece estar, frequentemente, muito colada à experiência bruta, tanto nas novas vertentes da cultura periférica quanto nas linhas mais tradicionais voltadas para a experiência da classe média. De outro lado, as tentativas de fugir à representação da realidade imediata, por meio da fantasia ou da sátira, parecem não destoar de fato das tendências estabelecidas, que passaram a incorporar elementos anteriormente

contestatórios. O que poderia ser, hoje, uma literatura fora do esquadro, capaz de negar o ritmo do mundo contemporâneo, num quadro em que elementos antes transgressivos ou críticos são integrados a uma vasta corrente dominante, passando a funcionar em consonância com os novos modos de sujeição?

Sem pretender responder a essa questão, termino lembrando um aspecto da consciência política do socialista convicto que foi Antonio Candido, a partir de observações de Paulo Arantes.<sup>5</sup> Ao mesmo tempo que atuou em várias frentes, como professor, sociólogo, crítico literário, militante político e intelectual empenhado, Antonio Candido também deu sinais de seu desalento diante do rumo histórico que a sociedade tomou com as sucessivas vitórias do capitalismo. Por isso, talvez, ele valorize tanto a gratuidade do devaneio e da fantasia, que a literatura apresenta em forma organizada,<sup>6</sup> e que as obras fora do esquadro manifestam de maneira extrema; são momentos em que se dá uma suspensão ou um descolamento da realidade opressiva, imaginando-se *outro mundo*, em contraposição à ordem política e social dominante.

Encerro citando o depoimento de Antonio Candido sobre Arnaldo Pedroso d’Horta, com quem ele havia militado no Partido Socialista Brasileiro no final dos anos 1940, porque fornece outro indício da tristeza de Antonio Candido diante da constatação, reconfirmada a cada passo, de que a sociedade com que eles sonhavam não estava ao alcance de uma concretização próxima: “Passamos juntos por muita mudança, lutamos horas sem conta em lutas sem perspectivas, esperamos sem esperança colheitas que não brotaram, ficamos homens numa ditadura e envelhecemos noutra.” (CANDIDO, 1993c, p. 196).

Se termino com essa nota melancólica, é para lembrar que o legado de Antonio Candido inclui não apenas o que ele realizou – e que não foi pouco –, mas também aquilo que ele e sua geração não conseguiram realizar. A aspiração a uma outra sociedade, mais justa e livre, que Antonio Candido buscou, mas que, nos seus quase cem anos de vida, ele não viu sequer se aproximar, faz parte do que sua obra transmite para as gerações seguintes, como problema que exige a invenção de soluções novas.

[5] Em palestra, Paulo Arantes comentou, com base em crônica de Ana Luisa Escorel, um retrato de Antonio Candido feito por Arnaldo Pedroso d’Horta em 1951. No quadro o pintor capta uma expressão de tristeza inabitual no retratado, tristeza em que se pode discernir um sentido político, ligado ao “compromisso com o inalcançável” que marcou os dois militantes socialistas (cf. ARANTES, 2017). Ver também “O retrato” (ESCOREL, 2016, p. 13-14).

[6] Ver, por exemplo, “A literatura e a formação do homem” (CANDIDO, 2002b, p. 77-92).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira. Dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARANTES, Paulo. Palestra proferida no “Colóquio Bento Prado Jr.: Aventuras da Filosofia Brasileira”, em 5 de junho de 2017 na FFLCH-USP.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 7ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993a.

CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993b.

CANDIDO, Antonio. “Arnaldo”. in: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993c.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 6ª ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *O albatroz e o chinês*. 2ª ed. aumentada. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. Entrevista a Luiz Carlos Jackson. In: JACKSON, Luiz Carlos. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG, 2002a.

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: *Textos de intervenção*. Org. Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002b.

ESCOREL, Ana Luísa. “O retrato”. In: *De tudo um pouco*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2016.

SCHWARZ, Roberto. “Os sete fôlegos de um livro”. In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. “Pressupostos, salvo engano, de ‘Dialética da malandragem’”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.